

# **BREVE DESCRIÇÃO DA EPÊNTESE CONSONANTAL EM PALAVRAS DERIVADAS POR SUFIXAÇÃO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Samanta Sá Canfield

Submetido em 01 de junho de 2018.

Aceito para publicação em 06 de novembro de 2018.

*Cadernos do IL*, Porto Alegre, n. ° 56, novembro. p. 57-69.

---

## **POLÍTICA DE DIREITO AUTORAL**

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

- (a) Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Creative Commons Attribution License, permitindo o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.
  - (b) Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.
  - (c) Os autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado.
  - (d) Os autores estão conscientes de que a revista não se responsabiliza pela solicitação ou pelo pagamento de direitos autorais referentes às imagens incorporadas ao artigo. A obtenção de autorização para a publicação de imagens, de autoria do próprio autor do artigo ou de terceiros, é de responsabilidade do autor. Por esta razão, para todos os artigos que contenham imagens, o autor deve ter uma autorização do uso da imagem, sem qualquer ônus financeiro para os Cadernos do IL.
- 

## **POLÍTICA DE ACESSO LIVRE**

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

<http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/index>

Quinta-feira, 22 de novembro de 2018.

# BREVE DESCRIÇÃO DA EPÊNTESE CONSONANTAL EM PALAVRAS DERIVADAS POR SUFIXAÇÃO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

## BRIEF DESCRIPTION ABOUT CONSONANTAL EPENTHESIS IN WORDS DERIVED BY SUFFIXATION IN BRAZILIAN PORTUGUESE

Samanta Sá Canfield\*

**RESUMO:** A epêntese caracteriza-se pela inserção de segmento em palavras cuja principal motivação é solucionar um problema estrutural, em geral, de caráter silábico. A epêntese consonantal, especificamente, consiste no acréscimo de uma consoante na junção morfológica de palavras derivadas. No português brasileiro, é um fenômeno consagrado na língua escrita, mas ainda pouco estudado. Neste artigo, são retomados alguns dos estudos sobre epêntese consonantal em palavras derivadas por sufixo no português brasileiro; além disso, são apresentadas ideias de diferentes autores sobre o status da consoante epentética.

**PALAVRAS-CHAVE:** epêntese consonantal; derivação sufixal.

**ABSTRACT:** Epenthesis refers to the insertion of a segment within a word which the main purpose is the solution of a structural syllabic problem. The Consonantal Epenthesis consists in adding a consonant during the word derivation process specifically. The consonantal Epenthesis is a known phenomenon in writing Brazilian Portuguese but yet it is not studied as wished. Some studies about Brazilian Portuguese consonantal Epenthesis in suffix- formed words are reviewed in this article. Furthermore, different authors' ideas about the epenthetic consonant are presented.

**KEYWORDS:** consonantal epenthesis; suffix-formed words.

### 1 Introdução

Em estudo anterior<sup>1</sup>, foi observado que, eventualmente, palavras derivadas com o acréscimo de sufixos sofriam epêntese de consoante, a qual era condicionada pela tonicidade da palavra. Entre os sufixos relacionados nas gramáticas, foram escolhidos -ada, -al e -eiro, por terem sido os sufixos que mais apresentavam a ocorrência do fenômeno entre os exemplos listados por gramáticas, observado em palavras como gurizada, abacaxizal e açazeiro, por exemplo.

Com o auxílio da ferramenta de pesquisa do dicionário eletrônico Houaiss para formar o *corpus*, foi possível dividir as palavras com epêntese encontradas em dois grandes grupos: o das palavras cujas bases tinham a última sílaba tônica (como *guaraná*, *café*, *abacaxi* e *lundu*, por exemplo) e o das palavras cujas bases tinham a última sílaba átona (como *língua*, *milho*, *fogo*). Formados os dois grupos, percebeu-se que, quando a tonicidade recaía na última sílaba, a consoante intrusiva preferida era

---

\* Doutoranda na Universidade Federal do Rio Grande do Sul; mestre pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; samantasa@terra.com.br.

<sup>1</sup> Canfield (2010).

/z/, formando *guaranazal*, *cafezal*, *abacaxizeiro* e *lunduzeiro*. Por outro lado, quando a última sílaba era átona, a preferência recaía sobre /r/, formando *linguareiro*, *milharal*, *fogareiro*.

A partir disso, foi possível estabelecer duas “regras *default*” para a epêntese consonantal. A primeira seria aplicada em palavras cujas bases têm a última sílaba tônica, considerando-se a vogal final como parte do radical, quando a consoante epentética é preferencialmente /z/, como *guaraná* > *guaranazeiro*. Já a segunda regra, que diz respeito a palavras cujas bases têm a última sílaba átona, ou seja, acabam em vogal temática, a consoante epentética apresentou maior variabilidade, mas se observou que o maior número de palavras recebeu /r/, como *milho* > *milharal*, ou uma outra consoante coronal, como /z/, /r/, /t/, /l/, /s/, /g/, por exemplo.

Bisol (2010) afirma que o uso de /z/ como epêntese remonta ao século XVIII. Isso, aliado ao fato de que os exemplos de palavras sufixadas cujas bases são oxítonas são numericamente superiores, sustenta, em alguma medida, a predição de que /z/ é a consoante epentética do português e que seria a preferida pelos falantes mesmo quando, pelo contexto (palavra sufixada cuja base não é oxítona), fosse esperada a entrada de /r/.

Para Morley (2017), assume-se que a epêntese consonantal é parte do repertório básico de gramáticas fonológicas. Segundo a autora, o fenômeno pode ser classificado como assimilativo, quando a identidade do segmento epentético é condicionada por ambiente fonético. Em contrapartida, chama-se epêntese consonantal *default* quando uma consoante não presente no *input* ou na forma subjacente aparece na forma de superfície, como seria o caso, em português, de abacaxi/abacaxizal, café/cafeteira, bicho/bicharada, por exemplo.

A epêntese consonantal *default* verificada no português brasileiro é o foco deste artigo. Nele, pretende-se, brevemente, retomar alguns estudos sobre epêntese consonantal em palavras derivadas por sufixo no português brasileiro; apresentar aspectos do *status* da consoante epentética, o que será seguido por sucintas considerações finais.

## 2 Epêntese Consonantal no Português Brasileiro

A epêntese, que pode ser consonantal ou vocálica, caracteriza-se pela inserção de segmento em palavras, cuja principal motivação é solucionar um problema estrutural, em geral de caráter silábico. A epêntese consonantal consiste no acréscimo de uma consoante na junção morfológica de palavras derivadas, como *cafezal* (*café* + *z* + *al*) e *milharal* (*milho* + *r* + *al*), por exemplo. Ao contrário da epêntese vocálica, em que a inserção da vogal se manifesta apenas na pronúncia, como em *ad[e]vogado* e *p[i]neu*, entre outras, a epêntese consonantal, no português brasileiro, é um fenômeno registrado na língua escrita.

Cagliari e Massini-Cagliari (2000) acreditam que a consoante intrusiva se caracteriza por adicionar a uma palavra um segmento sem justificção etimológica, com o efeito de facilitar uma pronúncia ou a percepção de sequências de segmentos sonoros, buscando adequação fonética ao contexto em que ocorrem. Para estudar a epêntese consonantal em português, usam a Teoria da Otimidade (TO).

Os autores reforçam que a epêntese consonantal em português ocorre somente na junção morfológica interna das palavras derivadas e que tem como objetivo evitar o hiato, tradicionalmente preterido pela língua neste contexto (*chá* + *eira* = *chaleira*; *café*

+ *eira* = *cafeteira*; *tema* + *ico* = *temático*). Ademais, frisam que um dos contextos mais comuns de epêntese acontece quando o radical termina por vogal, e o sufixo começa por vogal, tônica ou átona. Embora reiterem que o português tende a evitar hiatos, admitem sua formação, como em *cajuína*.

Massini-Cagliari (2000) e Cagliari (2000) mostram outras situações em que discutem a possibilidade da consoante introduzida ser epentética ou não, apresentando as opções de análise com breve discussão. Por outro lado, ao discutirem os sufixos de grau (diminutivo), assumem que o afixo pertence a duas categorias, uma com a consoante <z> e outra sem ela. Na primeira, o sufixo funciona como palavra fonológica independente, produzindo palavras do tipo composição, e não derivação, o que não ocorre com os sufixos da segunda categoria. O fato de as formas diminutivas apresentarem a inserção de uma consoante <z> mostra que o radical, seguido do diminutivo, acompanha a regra geral da derivação, uma vez que, na composição, não há consoantes epentéticas.

Cagliari (2001) afirma que, em muitas palavras do português brasileiro, a presença de consoante epentética adveio diretamente do latim, que aplicava a mesma regra de derivação (*amplitude* = *amplo* + *i* + *t* + *ude* [do latim *amplitudine*]). Como os sufixos são elementos lexicais produtivos para a geração de novas palavras, o processo de epêntese passou para o português e continuou operante em palavras derivadas dentro da língua. Dessa forma, segundo o autor, mesmo em palavras sem origem latina (*robótica* = *robô* + *t* + *ica*), a consoante primeiramente usada em latim era a escolhida em casos de epêntese.

Cagliari (2001) observa também que, em português, as consoantes epentéticas têm articulação coronal, como nos seguintes exemplos: *lava-t-ório*, *temá-t-ico*, *lava-d-eira*, *move-d-iço*, *pau-l-ada*, *lingua-r-udo*, *café-z-al*, *traí-ç-ão*, *nomea-ç-ão*. Em contrapartida, o autor detecta a presença de consoantes epentéticas não coronais, como em seus exemplo *nari-g-udo*, *pagá-v-el* e *feri-m-ento*, embora admita que o *status* dessas consoantes como epentéticas não seja muito claro, já que, no caso de *narigudo*, por exemplo, pode-se admitir a atuação da regra que transforma fricativas em oclusivas.

Canfield (2010) trata da epêntese consonantal do português brasileiro a partir de um *corpus* cujos dados foram captados através da ferramenta de pesquisa do dicionário eletrônico Houaiss. A pesquisa restringiu-se aos sufixos -ada, -al e -eiro, por terem sido considerados, dentre os afixos listados em algumas gramáticas, como as de Ribeiro (1950), de Said Ali (1964), de Almeida (1967), de Bechara (1999) e de Rocha Lima (2002), como os mais produtivos em temas de inserção de consoante.

As palavras nas quais foi identificada a ocorrência da epêntese consonantal foram separadas em três grupos, um para cada um dos sufixos previamente escolhidos. Esses grupos foram subdivididos respeitando a tonicidade da última sílaba da palavra-base, criando dois subgrupos para cada sufixo, conforme pode ser visto nos itens (1), (2) e (3), desenvolvidos abaixo.

#### (1) *Palavras derivadas com o sufixo –ada*

As palavras formadas com esse sufixo que apresentam epêntese perfazem um total de 36, sendo 23 derivadas de bases que possuem a sílaba final tônica. Dessas, as 21 que constituem o grupo 1a (base atemática), apresentam /z/ como consoante epentética. As duas palavras restantes, *chapelada* e *paulada*, que foram, em um primeiro momento, incluídas no corpus, ao invés de /z/, como esperado, têm /l/. Cabe frisar que, dentre as

ocorrências, não há nenhuma variação com hiato.

### Grupo 1a

aleuzada = aléu + z + ada	imbuzada = imbu + z + ada
anguzada = angu + z + ada	mamãezada = mamãe + z + ada
araçazada = araçá + z + ada	mãozada = mão + z + ada
bacalhauzada = bacalhau + z + ada	pazada = pá + z + ada
belenzada = Belém + z + ada	pezada = pé + z + ada
buritizada = buriti + z + ada	piazada = piá + z + ada
canzoada = cão + z + ada	sirizada = siri + z + ada
chazada = chá + z + ada	sururuzada = sururu + z + ada
chiruzada = chiru + z + ada	umbuzada = umbu + z + ada
curuminzada = curumim + z + ada	chapelada = chapéu + l + ada
gibizada = gibi + z + ada	paulada = pau + l + ada
gurizada = guri + z + ada	

O grupo 1b, a seguir, composto por palavras-base que mantêm a vogal temática, tem 13 itens. Todos apresentam /r/ como consoante intrusiva (o que torna esse o mais homogêneo dos grupos da pesquisa).

### Grupo 1b

bicharada = bicho + r + ada	fumarada = fumo + r + ada
chinarada = china + r + ada	galharada = galho + r + ada
chugarada = chuva + r + ada	gentarada = gente + r + ada
cusparada = cuspe + r + ada	laçarada = laço + r + ada
espumarada = espuma + r + ada	linguarada = língua + r + ada
filharada = filho + r + ada	milharada = milho + r + ada
folharada = folha + r + ada	

#### (2) Palavras derivadas com o sufixo -al

O grupo 2a conta com 53 palavras derivadas, cujas bases apresentam a vogal final acentuada. Neste grupo, todas as palavras derivadas apresentam /z/ como consoante epentética. Ainda assim, entre essas, há a presença de *caroatal*, variante de *caroazal*, que segue a regra.

Além disso, é nesse grupo que se observam registradas no dicionário mais variações com hiato (*babaçu* > *babaçuzal* ~ *babaçual*, *bambu* > *bambuzal* ~ *bambual*, *caju* > *cajuzal* ~ *cajual*). Há também formas variantes em que não ocorre a epêntese (*capim* > *capinzal* ~ *capinal* e *caraguatá* > *caraguatazal* ~ *caraguatal*).

### Grupo 2a

abacaxizal = abacaxi + z + al	guaranazal = guaraná + z + al
açaizal = açaí + z + al	igapozal = igapó + z + al
acurizal = acuri + z + al	imburizal = imburi + z + al
aguapezal = aguapé + z + al	imbuzal = imbu + z + al

araçazal = araçá + z + al	inajazal = inajá + z + al
araparizal = arapari + z + al	jarazal = jará + z + al
aturiazal = aturiá + z + al	jauarizal = jauari + z + al
babaçuzal = babaçu + z + al	jerivazal = jerivá + z + al
bacurizal = bacuri + z + al	licurizal = licuri + z + al
bambuzal = bambu + z + al	maricazal = maricá + z + al
buritizal = buriti + z + al	mirinzal = mirim + z + al
burizal = buri + z + al	mocozal = mocó + z + al
butiazal = butiá + z + al	muricizal = murici + z + al
cafezal = café + z + al	muritizal = muriti + z + al
caimbezal = caimbé + z + al	murumuruzal = murumuru + z + al
cajuzal = caju + z + al	parazal = Pará + z + al
camarazal = camará + z + al	pirizal = piri + z + al
cambuizal = cambuí + z + al	rebentãozal = rebentão + z + al
canzoal = cão + z + o = al	sapezal = sapê + z + al
capinzal = capim + z + al	saraizal = saraí + z + al
carazal = cará + z + al	saranzal = sarã + z + al
caraguatazal = caraguatá + z + al	tacuruzal = tacuru + z + al
carandazal = carandá + z + al	tucunzal = tucum + z + al
caroazal~caroatal = caroá + z (t) + al	uauaçuzal = uauaçu + z + al
gravatazal = gravatá + z + al	umarizal = umari + z + al
guabijuzal = guabiju + z + al	umbuzal = umbu + z + al

O grupo 2b é composto por sete palavras que têm as bases terminadas em vogal temática. É o grupo que possui maior diversidade em relação à consoante intrusiva, uma vez que foi observada a entrada de /s/, /g/, /r/, /z/.

### Grupo 2b

ervaçal = erva + ç + al	linguaral = língua + r + al
lamaçal = lama + ç + al	milharal = milho + r + al
lodaçal = lodo + ç + al	manguezal = mangue + z + al

#### (3) Palavras derivadas com o sufixo –eiro

O grupo 3a, com bases atemáticas, é o mais numeroso: conta com 86 palavras, das quais 82 apresentam /z/ como consoante epentética. As demais quatro apresentam /t/.

### Grupo 3a

abacaxizeiro = abacaxi + z + eiro	ingazeiro = ingá + z + eiro
abricozeiro = abricó + z + eiro	jacarezeiro = jacaré + z + eiro
acaçuzeiro = açaçu + z + eiro	jembezeiro = jembê + z + eiro
açazeiro = açai + z + eiro	jeribazeiro = jeribá + z + eiro
aguazeiro = aguaí + z + eiro	jerimunzeiro = jerimum + z + eiro
alecrinzeiro = alecrim + z + eiro	jerivazeiro = jerivá + z + eiro
amapazeiro = amapá + z + eiro	juazeiro = juá + z + eiro

anduzeiro = andu + z + eiro	licurizeiro = licuri + z + eiro
apazeiro = apá + z + eiro	lunduzeiro = lundu + z + eiro
apuizeiro = apuí + z + eiro	maracujazeiro = maracujá + z + eiro
araçazeiro = araçá + z + eiro ~ araçareiro	mucajazeiro = mucajá + z + eiro
araticunzeiro = araticum + z + eiro	mulunguzeiro = mulungu + z + eiro
bacuparizeiro = bacupari + z + eiro	muricizeiro = murici + z + eiro
banguzeiro = banguê + z + eiro	muritizeiro = muriti + z + eiro
biribazeiro = biriba + z + eiro	oitizeiro = oiti + z + eiro
bogarizeiro = bogari + z + eiro	ouricurizeiro = ouricuri + z + eiro
buritizeiro = buriti + z + eiro	paletizeiro = paletó + z + eiro
butiazeiro = butiá + z + eiro	pãozeiro = pão + z + eiro
cacauzeiro = cacau + z + eiro	parazeiro = pará + z + eiro
cafezeiro = café + z + eiro	pequizeiro = pequi + z + eiro
cajuzeiro = caju + z + eiro	piauzeiro = piauí + z + eiro
cambuazeiro = cambucá + z + eiro	picãozeiro = picão + z + eiro
cambuizeiro = cambuí + z + eiro	puçazeiro = puçá + z + eiro
candomblezeiro = candomblé + z + eiro	saguzzeiro = sagu + z + eiro
capitarizeiro = capitari + z + eiro	sapezeiro = sapê + z + eiro
caquizeiro = caqui + z + eiro	sapotizeiro = sapoti + z + eiro
catimbauzeiro = catimbau + z + eiro	sururuzeiro = sururu + z + eiro
catimbozeiro = catimbó + z + eiro	tacacazeiro = tacacá + z + eiro
chazeiro = chá + z + eiro	tarozeiro = tarol + z + eiro
chuchuzeiro = chuchu + z + eiro	tarumazeiro = tarumã + z + eiro
cuitêzeiro = cuitê + z + eiro	taxizeiro = taxi + z + eiro
cumaruzeiro = cumaru + z + eiro	tereceiro = terecô + z + eiro
cupinzeiro = cupim + z + eiro	tucunzeiro = tucum + z + eiro
cupuaçuzeiro = cupuaçu + z + eiro	umbuzeiro = umbu + z + eiro
cururuzeiro = cururu + z + eiro	uruazeiro = uruá + z + eiro
dendezeiro = dendê + z + eiro	urubuzeiro = urubu + z + eiro
forrozeiro = forró + z + eiro	urucuzeiro = urucum + z + eiro
guabijuzeiro = guabiju + z + eiro	vapozeiro = vapor + z + eiro
guaranazeiro = guaraná + z + eiro	zebuzeiro = zebu + z + eiro
gurizeiro = uri + z + eiro	abricoteiro = abricó + t + eiro
icozeiro = icó + z + eiro	crocheteiro = crochê + t + eiro
imbuzeiro = imbu + z + eiro	cafeteiro = café + t + eiro
inajazeiro = inajá + z + eiro	tricoteiro = tricô + t + eiro

O grupo 3b é composto por apenas três palavras derivadas cujas bases são terminadas em vogal temática.

### Grupo 3b

fogareiro = fogo + r + eiro  
 linguareiro = língua + r + eiro  
 ervateiro = erva + t + eiro

Analisando cada um desses subgrupos, foi possível depreender que /z/ é a consoante epentética *default* no português brasileiro para as palavras-base atemáticas e

que /r/ é *default* para as palavras-base terminadas em vogal temática.

Nos quadros abaixo, são resumidos os resultados encontrados a partir do *corpus* apresentado acima: o Quadro 1 apresenta as palavras cuja tonicidade da palavra primitiva recai na última sílaba (palavras atemáticas), e o Quadro 2, as palavras cuja palavra primitiva tem como sílaba tônica a penúltima (palavras atemáticas):

**Quadro 1 – Resultados, encontrados no *corpus*, de epêntese em palavras derivadas cujas primitivas são oxítonas**

Sufixo	Total de palavras com os sufixos escolhidos no <i>corpus</i>	Número de palavras com entrada de /z/ no <i>corpus</i>	Número de palavras com outras consoantes no <i>corpus</i>
-ada	23	21	2 ( <i>chapelada e paulada</i> )
-al	53	53	0, mas 6 têm variação ( <i>babaçu &gt; babaçuzal~babaçual,</i> <i>bambu &gt; bambuzal~bambual,</i> <i>caju &gt; cajuzal~cajual,</i> <i>capim &gt; capinzal~capinal e</i> <i>caraguatá &gt; caraguatazal~caraguatal</i> )
-eiro	86	82	4 (sempre t: <i>abricoteiro, crocheteiro,</i> <i>tricoteiro e cafeteiro</i> ) e 8 com variação ( <i>alecrim &gt; alecrinzeiro~alecrineiro,</i> <i>cupim &gt; cupinzeiro~cupineiro,</i> <i>urucum &gt; urucunzeiro~urucueiro,</i> <i>cacau &gt; cacauzeiro~cacaueiro</i> <i>~cacoeiro,</i> <i>caju &gt; cajuzeiro~cajueiro,</i> <i>guabiju &gt; guabijuzeiro~guabijueiro,</i> <i>zebu &gt; zebuzeiro~zebueiro,</i> <i>araçazeiro~araçareiro</i> )
	164	136	

Em palavras derivadas cujas bases são oxítonas, os três sufixos (-ada, -al e -eiro) apresentam, majoritariamente, a entrada de /z/ como consoante epentética. Algumas das palavras que apresentam outra consoante, como *abricoteiro*, *crocheteiro*, *tricoteiro*, não foram consideradas casos de epêntese consonantal por serem derivadas de palavras terminadas por consoante em sua origem (*abricot*, *crochet* e *tricot*).

No caso de *chapelada*, o processo de sufixação retoma sua forma antiga com [l] do francês antigo (*chapel*); não se enquadra, portanto, em caso epêntese, assim como as formas *abricoteiro*, *crocheteiro*, *tricoteiro*. A forma *chapéu* do português apresenta-se com /u/ porque a vocalização da lateral permaneceu na escrita. Walsh (1995) afirma que todas as laterais podem ser classificadas como segmentos complexos corono-

dorsais e, quando laterais, perdem o traço coronal. Nesse caso, o segmento dorsal resultante é quase sempre um vocoide. No português brasileiro, os dois traços distribuem-se da seguinte maneira: a lateral se manifesta [-post] antes de vogal, em sílabas CV ou CCV (lata, placa) e [+post] na coda de sílaba (final>finaw) na maioria dos dialetos.

Em *paulada*, a lateral não substitui o glide, mas aparece a seu lado. A escolha pela lateral como consoante introduzida na sufixação é encontrada em outras palavras derivadas de *pau* registradas no dicionário eletrônico Houaiss, como *paulama* e *paulito*.

No caso de *cafeteiro*, parece que a consoante é de fato epentética e distinta da regra *default*, ainda que se possa pensar que essa palavra, embora com significado diferente, seja utilizada por analogia à cafeteira, “máquina ou aparelho em que se faz café ('bebida') automática ou semiautomaticamente”.

**Quadro 2 - Resultados, encontrados no *corpus*, de epêntese em palavras derivadas cujas primitivas são paroxítonas**

Sufixo	Total de palavras com os sufixos escolhidos no <i>corpus</i>	Número de palavras com entrada de /r/ no <i>corpus</i>	Número de palavras com outras consoantes no <i>corpus</i>
<b>-ada</b>	<b>13</b>	<b>13</b>	<b>0</b>
<b>-al</b>	<b>7</b>	<b>2</b>	<b>5</b> ( <i>ervaçal, lamaçal, lodaçal, matagal e manguezal</i> )
<b>-eiro</b>	<b>3</b>	<b>2</b>	<b>1</b> ( <i>ervateiro</i> )
<b>Total</b>	<b>23</b>	<b>17</b>	<b>6</b>

Em palavras derivadas cujas bases são paroxítonas, a relação de palavras é menos expressiva. A entrada da consoante esperada (ou seja, /r/), ocorre apenas quando se trata do sufixo -ada, o qual não apresenta outra consoante. Com o sufixo -al, tem-se o grupo que, além de ser o que menos aparece /r/, apresenta a maior variabilidade de consoantes, pois, nele, estão as palavras *ervaçal, lamaçal, lodaçal, matagal, manguezal*. Apenas *linguaral* e *milharal* “obedeceriam” à regra. Com o sufixo -eiro, apenas *ervateiro*, das três palavras do grupo, não apresenta /r/.

Em uma perspectiva semelhante à de Canfield (2010) quanto ao exame de dados em dicionário, Pires (2016) empreende uma análise morfofonológica e etimológica de palavras com a terminação -ada retiradas de Houaiss (2009), com o objetivo de analisar palavras de base nominal que apresentam epêntese consonantal. Nesse estudo, os dados foram separados em três grupos, compostos por palavras derivadas de base nominal; palavras derivadas de base verbal; palavras com a terminação -ada não sufixal. A autora constatou que palavras derivadas de bases temáticas e atemáticas, com relação à inserção de consoante, têm comportamento distinto no português brasileiro, qual seja: palavras de bases cuja vogal final não é temática, na derivação, de modo geral, inserem /z/, consoante menos invasiva, que apenas resolve o problema de caráter silábico (pá + -ada > pazada); palavras de bases temáticas inserem /r/ e neutralizam a vogal temática da base, substituindo-a por /a/ (bicho + -ada > bicharada).

Para Pires (op. cit.), no português brasileiro, o contexto mais favorável para as

inserções consonantais é o grupo das palavras de base atemática<sup>2</sup>. Dentro desse grupo, o contexto mais favorável é o das palavras terminadas em vogal candidata a acento.

A autora oferece motivos para que, no português brasileiro, haja a seleção de consoantes além de /z/ e /r/. Entre as razões, estão semelhança com outras palavras da língua, variação (cf. *bambu* < *bambucada* ~ *bambuzal* ~ *bambuØal*) e casos de vestígio etimológico (cf. *paulada*). Por fim, lança a hipótese de /r/ estar cristalizado na língua e de /z/ ser a consoante de inserção regular vigente na língua.

### 3 Status da consoante epentética

Como afirmado anteriormente, em alguns casos, o processo de derivação sufixal envolve uma consoante epentética entre a palavra primitiva e o sufixo. A seguir, foi feita uma breve exposição do tratamento dado a essa consoante por alguns autores, entre gramáticos e linguistas.

Segundo Cagliari (1999, p. 17), essa consoante, “cuja função fonológica é não permitir que ocorra hiato (ou ditongo) entre a vogal final da raiz e a vogal inicial do sufixo”, é chamada de intrusiva e é, comumente, [t] ou [z]. O autor cita como exemplos palavras como *aquático*, *juventude*, *cafezinho*, *pobrezinho*.

Essa consoante é chamada de consoante de ligação por alguns gramáticos, como Luft (2002), Cunha (1970) e Cegalla (1991), e serve para facilitar a pronúncia quando acontece a união de duas vogais, uma do final da palavra e outra do início do sufixo. Cunha (1970, p. 47) afirma que há elementos mórficos que entram no vocábulo agregando a ele valor significativo ou gramatical: “Há, porém, outros que não são significativos, e servem apenas para evitar dissonâncias (hiatos, encontros consonantais) na junção daqueles elementos.” Luft (2002, p. 94) apresenta as consoantes [l], [t] e [z] de palavras como *chaleira*, *cafeteira* e *capinzal* como sendo de ligação e refuta a ideia de esses segmentos puramente eufônicos serem infixos, e cita Mattoso Camara (1964, p. 147):

Não é uma boa técnica gramatical classificar como infixos os fonemas parasitos que figuram em certos derivados portugueses, como *capinzal* (*capim* + *al*), por dois motivos: 1) a intercalação não é no radical; 2) o fonema parasito não tem valor gramatical próprio e só dá uma variante de sufixo (-*zal*::-*al*). (LUFT, 2002, p.94)

Na relação de sufixos nominais e verbais nas gramáticas do português, em geral, os afixos são considerados iniciados por vogal. Quando alguma consoante se faz presente, não há menção se ela é epentética ou se há motivação para que isso ocorra.

Outros sufixos aparecem como iniciados com consoantes, como, por exemplo, -*dade* (*maldade*, *crueldade*); -*ficar* (*falsificar*, *petrificar*); -*lândia* (*cafelândia*); -*tude* (*amplitude*, *magnitude*). A maioria dos sufixos, de qualquer forma, apresenta-se iniciada por vogal.

Algumas dessas consoantes adviriam do latim. No caso do sufixo -*or* (*fulgor*, *condutor*, *armador*, *ascensor*), Said Ali (1964, p. 112) afirma que as consoantes “D, T e S pertencem a temas do participio do pretérito”.

<sup>2</sup> Para Mattoso Camara (1981), atemáticas são as palavras em vogal tônica, como *sofá*, *café*, *tupi*, *jiló* e *tatu*, por exemplo

Não é claro na literatura a que “base” pertence a consoante criada em algumas palavras na derivação sufixal. Alguns autores defendem que ela faz parte do sufixo; outros, que ela é um elemento intrusivo de função estrutural.

No caso do sufixo -inho, segundo Bisol,

o sufixo diminutivo é tão somente *-inho*, que se manifesta com *-z* epentético para satisfazer exigências estruturais, ou seja, para atender a certos princípios ativos na interação da morfologia com a fonologia que são fundamentais para organização deste derivativo. (BISOL, 2010, p.63)

Um desses princípios, segundo a Teoria da Otimidade, é a restrição que exige que toda a sílaba tenha um *onset*, que, conforme Bisol (2010), está mais alta na hierarquia que DEP-IO, restrição que proíbe a epêntese por exigir que todo o segmento do *output* tenha correspondente no *input*.

Na conclusão do artigo, Bisol (2010) reforça que a definição de *-z* como epêntese remonta ao século XVIII e que se estende a outros derivativos, como *al~zal*, *eiro~zeiro*, por exemplo.

Em contrapartida, Schwindt (2013, p. 24) afirma que “o português é pródigo em exemplos de vocábulos em que, em nível de superfície, não se detecta qualquer segmento interveniente entre raiz e sufixo”, independentemente de o sufixo iniciar por vogal ou consoante. Essa evidência, segundo Schwindt, põe em xeque a hipótese de evitação do hiato e a necessidade de alinhamento do sufixo a um *onset*, uma vez que há muitas palavras que apresentam hiato ou sílaba sem *onset* (como *heroína* e *canoeiro*, por exemplo).

Guimarães e Nevins (2013) refutam a ideia de Mattoso Camara (1953, 1970) de que palavras terminadas em vogal nasal tenham uma consoante nasal subjacente como [n] epentético/de ligação em pares nos quais não há evidência de uma nasal subjacente na base, como *Tupi/Tupinista* e *faraó/faraônico*.

Em um primeiro momento, esses pares não podem ser tomados automaticamente como contraevidência à ideia de um /n/ subjacente no fim das bases. De fato, tais pares podem ser tomados como evidência de bases como *tupin* e *faraon*, uma vez que as especificações de traços da consoante /n/ que emerge em palavras complexas (como *tupinista*, *faraônico*) não é predizível a partir do sufixo sozinho ou a partir de qualquer regra morfofonológica de epêntese (que tende a dar origem a [z] no português brasileiro). Isso parece estar em consonância com a amplamente aceita análise de Bisol (1992), na qual todas as palavras oxítonas terminadas em sílaba aberta na superfície teriam uma consoante subjacente no fim, dando origem à sílaba pesada que atrai o acento.

Guimarães e Nevins (2013) afirmam que, em ampla maioria dos casos, a consoante que emerge entre a raiz e os muitos sufixos possíveis é [z] – claramente a consoante epentética *default* na língua – mesmo quando a raiz termina com uma consoante (*odor* > *odorção*/\**odorão*). Este é um padrão produtivo da língua, atestado com muitos sufixos (-ão, -inho, -ólogo, -ologia, -eiro, -aço, -ice, -ista, -ada, etc), aplicados em um amplo número de palavras cuja contraparte termina com uma vogal nasal. De *cupim*, por exemplo, encontra-se *cupinzeiro*; de *marrom*, encontra-se *amarronzado*, não *amarronado*; de *maçã*, encontra-se *maçãzada*, não *maçãhada*.

O padrão pode ser atestado de forma ainda mais clara quando se observam palavras trazidas para ilustrar o ponto de vista de Mattoso Camara. Por exemplo, de *bom*, *fã* e *som*, encontram-se *bonzão*, *fanzaço* e *sonzeira*, respectivamente. O mesmo é

verdade para palavras como *Tupi*, *faraó*, as quais não exibem uma vogal nasal na base, mas apresentam [n] na superfície em algumas palavras aparentemente derivadas (*tupinista*, *faraônico*). Quando tais bases combinam com a maioria dos sufixos, sistematicamente, observamos [z] epentético entre base e sufixos. Por exemplo, de *faraó*, temos *faraozaço*, *faraozice* e *enfaraozado*.

#### 4 Considerações Finais

A epêntese consonantal no português brasileiro, bastante observada em palavras derivadas por sufixo, ainda é um fenômeno pouco estudado. Entretanto, a maioria dos autores aponta que ela é um mecanismo utilizado pela língua para evitar o hiato e, portanto, estaria diretamente ligada ao processo de silabificação. De qualquer maneira, esta possibilidade de a evitação do hiato ser uma exigência da língua já está sendo discutida por alguns autores, uma vez que palavras que preservam o hiato na derivação sufixal, como *cajuína*, não são vistas como problemáticas.

Partindo da análise de alguns textos, é possível depreender que /z/ tem sido considerada a consoante epentética *default* da língua. De qualquer maneira, parece importante frisar que se pode constatar que o traço coronal se destaca quando outra consoante aparece na junção morfemática das palavras derivadas (como no caso de *filharada*, *lamaçal* e *caroatal*).

Desde a composição do *corpus* de Canfield (2010), alguns fatos interessantes foram observados. Em primeiro lugar, as palavras derivadas com o acréscimo dos sufixos -ada, -al e -eiro puderam ser divididas em dois grandes grupos: palavras cujas bases têm a última sílaba tônica, ou seja, a vogal final é parte do radical; e palavras cujas bases têm a última sílaba átona, ou seja, acabam em vogal temática.

Quando a tonicidade recaía na última sílaba, a consoante intrusiva preferida era /z/. Por outro lado, quando a última sílaba se apresentava átona, a escolha por /r/ era preferida, permitindo estabelecer duas regras *default* para a epêntese consonantal. A primeira para as palavras-base que acabam em vogal do radical e a segunda para as palavras-base acabadas em vogal temática.

Palavras que, aparentemente, apresentavam consoante epentética, como *chapelada* e *abricoteiro*, não tiveram a análise confirmada, e a explicação para a preferência por essas consoantes foi particularizada. Os raros casos de exceção recebem um diacrítico no léxico e são silabificadas antes da regra *default*.

Ainda que essa análise merecesse um estudo mais amplo, sobretudo quanto à inclusão de outros afixos, acredita-se que o que foi feito delineia um quadro bastante coerente da epêntese consonantal no português brasileiro, sedimentado na teoria fonológica.

#### REFERÊNCIAS

- ALI, M. Said. *Gramática secundária da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- BISOL, Leda. A sílaba e seus constituintes. In: NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática do português Falado: Volume VII: Novos estudos*. Campinas: Unicamp, 1999, p. 701-742.

- BISOL, Leda. *O diminutivo e suas demandas* D.E.L.T.A., 26:1, 2010 (59-85)
- CAGLIARI, Luiz Carlos. A regra de atribuição de acento via afixos. *Português no Brasil: Estudos Fonéticos e Fonológicos*. Aguilera, Vanderci de Andrade (org.). Londrina: Editora UEL, 1999, p. 11-35.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. Consoantes epentéticas em Português. In: 6º Congresso Internacional da Associação de Lusitanistas (AIL). Anais do 6º Congresso Internacional da Associação de Lusitanistas. Rio de Janeiro: Associação Internacional de Lusitanistas, 2001.
- CAGLIARI, Luiz Carlos; MASSINI-CAGLIARI, G. A epêntese consonantal em português e sua interpretação na teoria da otimalidade. *Revista de Estudos da Linguagem*. Minas Gerais: USMG, 2000, p. 163-192.
- CAMARA, Joaquim Mattoso Jr. *Dicionário de Lingüística e Gramática: Referente à Língua Portuguesa*. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 1981.
- CANFIELD, Samanta Sá. *A epêntese consonantal no português : um estudo introdutório*. 2010. 57 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 34.ed. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1991.
- CUNHA, Celso. *Gramática Moderna*. Belo Horizonte, 2.ed. Editora Bernardo Álvares, 1970.
- GUIMARÃES, Maximiliano; NEVINS, Andrew. Probing the Representation of NASAL Vowels in Brazilian portuguese with language games. *Revista Organon*, Porto Alegre, v. 28, n. 54, p. 155-178, jan./jun. 2013.
- LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. 15.ed. São Paulo, Globo, 2002.
- MORLEY, Rebecca. Is Phonological Consonant Epenthesis Possible? A Series of Artificial Grammar Learning Experiments, 2017. No prelo.
- PIRES, Caroline de Castro. *Epêntese Consonantal em Contexto de Juntura Morfêmica: Considerações sobre o sufixo -ada*. Dissertação de mestrado. PUCRS, 2016.
- SCHWINDT, Luiz Carlos. Palavra fonológica e derivação em português brasileiro: considerações para a arquitetura da gramática. Leda Bisol; Gisela Collischonn (Org.). In: *Fonologia: teorias e perspectivas*. 1 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 15-28, 2013.